

A semente do mal



Há uma questão de fundo nas relações corporativas que precisa ser analisada no plano da ética. É o caso, por exemplo, do comprometimento das lideranças na sustentação do projeto que norteia o empreendimento. Muitas vezes, em defesa do bem maior, é preciso abrir mão de vantagens pessoais, sob o risco de se criar instabilidades ou fragilidades, que podem se tornar o estopim de uma grande crise futura.

Vale, nesse momento, recordar duas frases rápidas do livro "Como Ser um Conservador", do inglês Roger Scruton, recém-lançado pela editora Record:

"O conservadorismo advém de um sentimento que toda pessoa madura compartilha com facilidade: a consciência de que as coisas admiráveis são facilmente destruídas, mas não são facilmente criadas. Em relação a tais coisas, o trabalho de destruição é rápido, fácil e recreativo; o labor da criação é lento, árduo e maçante."

E mais:

"Um mercado pode fazer a alocação racional dos bens e serviços somente onde há confiança entre os integrantes, e a confiança só existe onde as pessoas assumem a responsabilidade por seus atos e se tornam responsáveis por aqueles com quem negociam. Em outras palavras, a ordem econômica depende de uma ordem moral."

São duas observações que fazem todo sentido quando tratamos de um empreendimento que ganhou forma e passou a atrair a atenção pelo seu potencial de grandeza. De fato, fazer com que um projeto saia do papel e se torne uma realidade é um exercício hercúleo, principalmente em um país como o Brasil, onde os projetos empresariais tendem a morrer antes dos 5 anos de vida. Por isso, a integração interna deve ser mantida a todo o custo. Colocar tudo a perder é fácil. Só um descuido e o sonho de uma vida vai para o buraco. Mas como conseguir esse comprometimento? Entra aqui a segunda observação do filósofo: a ordem Moral, que controle a inveja, a vaidade e a má fé.

Mas por que essa abordagem de um assunto que costuma ser visto pelo seu aspecto técnico? Por que temos percebido que muitos problemas nas empresas surgem exatamente em decorrência de interesses pessoais colocados acima do interesse coletivo, que é resultado de um desvio de caráter. Muitas empresas estão passando por dificuldades e nos chamam para resolver tais problemas. Quando nos aprofundamos na realidade, começamos a perceber o jogo sutil movido pela serpente do personalismo e dos interesses escusos. Esse tipo de comportamento é uma doença que compromete o desenvolvimento do todo devido à sua capacidade de distorcer os fatos. Resumindo: o negócio passa para o plano secundário e o atendimento às necessidades pessoais passa a falar mais alto.

O que defendemos? Que haja alinhamento entre as partes (pessoas e empresa), com revisão de tempo em tempo dos interesses individuais e do coletivo, para que não comece a se desenvolver, no silêncio do dia a dia, no coração da engrenagem corporativa, a semente do mal.



Alessandro Natal é Diretor da UNIC Gestão e Negócios Empresariais - Empresa especializada em Gestão Empresarial e Desenvolvimento de Profissionais e Lideranças.

Formado em Administração de Empresas – Habilitação em Sistemas de Informação.

Palestrante em cursos, treinamentos e eventos para preparação de profissionais para o mercado atual.

Auditor Líder de Sistema de Gestão da Qualidade certificado pelo RABQSA.

Colunista do Carreira & Sucesso da Catho nos assuntos de Gestão Empresarial e Liderança e na Revista Atitude Empreendedora.

Contato: alessandro@unicgestaoenegocios.com.br